

DIÁRIO DA DISSECAÇÃO DE UM CORPO EM TRANSFORMAÇÃO



Tatiana de Almeida

Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas
Sob orientação de Rui Sanches

Esta dissertação é uma dissecação.
Uma abertura.

Consiste na recolha e análise de anotações presentes nos diários gráficos que acompanham o meu processo de criação ao longo deste mestrado.

Utilizo estes diários como cápsulas ou gavetas, como arquivos para memórias e ideias e como forma de registar as minhas observações e pesquisas.

Para atingir uma tradução mais aproximada ao meu pensamento exponho então alguns desses registos.

Este relatório deve ser abordado como um mapa de fragmentos, uma *assemblage* de pequenos textos, esquemas e referências visuais das minhas observações, que se relacionam entre si numa vontade de conjugar o mundo das ideias ao mundo dos sentidos.

Num processo contínuo de trabalho no atelier procuro desenvolver as minhas pesquisas em redor do corpo, dos objectos e do espaço que os envolve, navegando entre as variáveis escalas presentes num ambiente.

Através da criação artística pretendo partilhar o meu ponto de vista na busca de formas sensoriais de assimilar o mundo.

Caminho todos os dias pelas ruas do Porto.
Por serem altas e estreitas fazem-me sentir mais pequena e aproximam-me do chão. É para lá que o meu olhar se dirige atentamente ao caminhar, oferecendo-me encontros curiosos.

Sou recolectora. Recolho tudo aquilo que me chame a atenção, tudo o que se possa distinguir das cores neutras e formas rígidas da cidade. Quase como uma lagarta que se alimenta vorazmente, sinto esta necessidade de me alimentar de pequenos pormenores dos lugares por onde passo.

Toda a matéria recolhida é objecto de estudo, de observação e investigação, são referências visuais e texturais, que por vezes utilizo nas minhas construções.

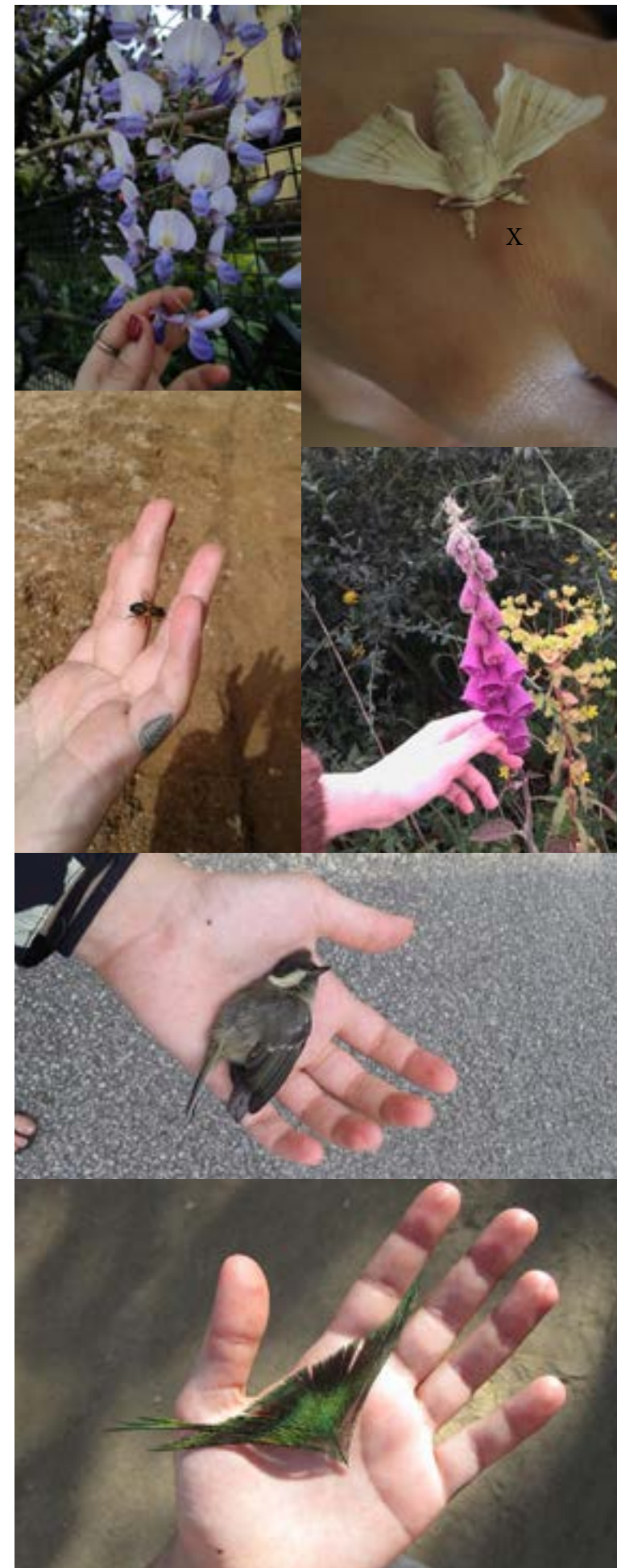
Há objectos que mantenho comigo pelo prazer de coleccionar, as pedras, conchas, ossos de pequenos animais, insectos, flores e sementes. Há objectos que são encontrados no lixo e que recolho na obsessão de reciclar tudo o que considere que tenha a mínima utilidade. Há também objectos que me são oferecidos por amigos e colegas, ou que são herdados por familiares, e estes são guardados como relíquias.

O meu maior interesse está no espectro de coisas que podem ser assimiladas pelos sentidos. Sou atraída por tudo o que é visível e tudo o que está escondido, com a possibilidade de ser encontrado, ou escavado. Formas dentro de formas.

Seduzem-me cores e texturas de formas efémeras, como se formam, transformam e desaparecem.

O tocável e o intocável. Odores, sabores e sons. Palavras escritas, faladas ou cantadas que geram algum tipo de reacção.

Tudo o que pode ser absorvido, digerido, penetrado ou penetrável, que desperte desejo ou repulsa.



Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno. É apenas uma questão de atenção, de sequência e de rigor.

Sophia de Mello Breyner



O atelier é como um reservatório onde armazeno todos os meus objectos de estudo. Um espaço de observação e análise dos mesmos.

É um espaço de mutação, que se vai alterando com a constante acumulação e reorganização dos diversos objectos e materiais que alí são depositados.

A forma como o atelier vai sendo organizado pode-se aproximar, em pequena escala, aos Gabinetes de Curiosidades dos séculos XVI e XVII, essencialmente pela variedade distinta de elementos que coexistem, sem catalogações nem hierarquias, num único espaço. E onde podem ser criadas as mais diversas narrativas nas relações entre objectos originários de universos distintos.



A necessidade de recolher e rodear-me de objectos pode ter uma desculpa genética. O meu avô passa a maior parte do seu tempo entre a horta e a pequena oficina anexada a sua casa. Sai de madrugada e só regressa a casa para as necessidades básicas. Naquela oficina vejo-o a trabalhar durante horas, rodeado de instrumentos e engenhos que ele próprio constroi para o facilitar no quotidiano agrícola. Todas essas invenções nascem da reciclagem de peças e de objectos que deixaram de servir o seu propósito, e que ao longo dos anos se vão acumulando naquela oficina, sem organização prática. As coisas existem onde foram esquecidas, num caos de objectos que se confundem aos olhos dos outros entre o que é lixo ou o que lhe é útil.

É também, rodeada de caos, que deixo que o atelier me acolha. Há imagens e desenhos colados nas paredes, suspensos no ar, livros que passam de mão em mão, há sons vindos da rua, e música que se funde com as conversas, há odores estranhos e outros mais familiares.

No chão e nas mesas vão-se formando pequenos aglomerados de rascunhos ou de restos de objectos e materiais que são por alguma razão descartados. Estas superfícies horizontais, receptoras albergam todas as formações híbridas que unem os trabalhos de quem partilha um atelier.

Quem aqui trabalha adapta o seu espaço ao espaço do outro, numa coreografia contínua de mutuos contágios.

Habitamos um espaço como os fungos ou parasitas habitam os lugares ou os corpos.

Sou tanto fungo como lugar.

Sou tanto parasita como hóspede.

Neste espaço sinto a necessidade de contaminar ao mesmo tempo que sou contaminada.

As minhas pegadas brancas começam a contaminar aos poucos o espaço dos outros.

O chão está coberto de pó de um volume de barro branco já seco, que vou escavando incessantemente com a ajuda de um bisturi. Nesta acção que se funde com a escavação na arqueologia, há uma procura pelo fóssil, e pela a origem das formas ancestrais no núcleo da matéria.

Sempre me agradou esta ideia de que, através do prazer de trabalhar a matéria ou de manipular os objectos, fosse possível tornar conceitos abstratos em objectos físicos, tocáveis e com diferentes pontos de vista. Na criação de objectos mutáveis, que se vão apropriando às formas de desejo.

Quadrado de terra:

- Gaveta vertical, fotografia de osga e cogumelo, osga, cenoura
- Crânio de gato em barro branco e argila, tapete vermelho
- Raíz, pata de coelho
- Objectos brancos: gesso, quatro pedras, osso, fio de algodão
- Espelho enterrado
- Gaveta com terra: dois recipientes dourados, um com a pedra parideira mais pequena e o outro com um escaravelho, coluna vertebral de pequeno mamífero, desenho de coluna vertebral



Se todos os espaços vazios fossem espaços escavados, os ossos seriam esculturas num corpo que apodrece.

Há objectos demasiado frágeis para estarem no chão, no entanto é do chão que estas matérias me são trazidas e é ao chão que as quero devolver.

A posição que me aproxima ao chão enquanto trabalho é a mesma para quem escava, procura, encontra ou esconde. Esta aproximação permite uma maior atenção ao detalhe.

Permite-nos também uma aproximação ao nosso próprio corpo, os joelhos ficam mais perto do peito, e as mãos mais perto dos pés.

Uma posição que se foi perdendo ao longo do tempo, com a erecção do corpo do ser humano, mas que nos é devolvida com o envelhecimento dos corpos, que se curvam em si mesmos.



Quadrado de Terra
oMuseu FBAUP
Janeiro 2018

O nosso olhar atento está disponível para captar e distinguir com alguma facilidade, na vasta confusão da cidade, as mais pequenas formas de vida que se movem com rapidez à nossa volta.

O que geralmente me chama mais a atenção são os corpos brilhantes dos insectos.

Os seus corpos desenvolveram naturalmente as mais meticulosas formas de disfarce, através de padrões e texturas, em tons acastanhados, esverdeados, amarelados, mimetizando troncos, folhas ou flores. Estes organismos atingem uma notável capacidade de se esconder, ao se confundirem na paisagem do seu habitat, o que lhes permite serem quase invisíveis aos olhos de predadores.

Os tons neutros da cidade privam violentamente estes corpos de todo o seu propósito estrutural de sobrevivência.

As abelhas são sem dúvida os insectos que encontro com mais frequência. A apicultura sempre fez parte do quotidiano do meu avô, que gerou a minha relação familiar com os objectos, cheiros e sons que provêm desta prática, brotando assim, numa maior proximidade com estes seres.

Pela tamanha influência e importância da actividade das abelhas no equilíbrio do ecossistema, há uma preocupação pelo conhecimento mais aprofundado das causas desta mudança trágica que se tem vindo a notar.

Aos poucos o chão é coberto de corpos frágeis que caem exaustos. O calor que se forma na colmeia não lhes permite cumprir na sua totalidade o tempo de hibernação, o que faz com que percam rapidamente a sua energia. Desidratadas e fragilizadas as abelhas caem ao chão exaustas.

Entomofilia

Um indivíduo que coleciona e estuda insectos; Uma planta cuja polinização se faz com a intervenção de abelhas.



Uma sociedade homeotípica.
Onde apenas fêmeas possuem
ferrão e a principal missão do
macho é fecundar a rainha mãe.

Três corpos e um voo nupcial





Entomofilia
Vila Nova de Cerveira
Fevereiro 2018



Na obra “Estudos para ninhos”, Tatiana de Almeida, apresenta-nos um conjunto de objetos nos quais a artista pretende produzir uma reflexão sobre a pegada humana na Natureza. Estes objectos têm em si mesmos uma aparência “frágil”, algo que reforça a ideia do impacto criado pelo Homem enquanto ser ocupante do espaço natural, capaz de desenvolver um discurso visual com uma componente poética.

“Sobre o Sensível”
Reflexão de Patrícia Serrão e Rúben Gonçalves
sobre a exposição “Territórios, Vestígios,
Lascas...”



Estudos para ninhos
Galeria Trem, Faro
Abril 2018



Acompanha-me desde sempre, na minha pesquisa, o interesse pelos aglomerados de matéria e pelas construções meticulosas de seres que as manipulam. Construções complexas e detalhadas como colmeias, formigueiros e ninhos que são capazes de acolher centenas destes pequenos corpos.

Destas formas orgânicas que acolhem e revestem um corpo, as crisálidas, construídas pelas larvas, permitem transformar profundamente a morfologia destes organismos e o seu modo de viver.

Para observar mais perto as metamorfoses destes corpos, adoptei uma série de pequenos bichos de seda, que acompanhei diariamente desde a eclosão dos ovos.

O processo de metamorfose, pode, a certo ponto assemelhar-se ao processo de trabalho artístico.

Há o corpo enquanto medida, absorvente dos elementos espaciais. A construção escultórica, enquanto objecto mutável que alberga em si toda a matéria recolhida, revestindo o corpo. A ausência do corpo transformado do construtor torna o interior da escultura num espaço aberto, convidativo, para o envolvimento de um novo corpo.



OVO
ORIGEM
INTERIOR

LARVA
PROCURA
RECOLHA
EXTERIOR

CRISÁLIDA
CONSTRUÇÃO
TRANSFORMAÇÃO
ATELIER

BORBOLETA
PARTILHA
EXPOSIÇÃO
SENTIDOS

O que carece de uma atenção ao detalhe, ao pequeno e ao invisível.

Na convivência dos insectos com o nosso quotidiano, podemos definir ambientes específicos da escala humana aos quais estes seres se adaptaram favoravelmente, fazendo já parte integrante dos mesmos. A traça pertence a um ambiente de abandono, de armários e gavetas fechadas.

Foi-nos concedido um corredor desactivado do Centro Hospitalar Conde Ferreira. Um espaço ainda com as marcas da sua história, nas várias salas amontoadas de móveis e gavetas, cheias de objectos hospitalares de quotidianos esquecidos, que carregam em si a fragmentos da história do lugar. Fiz uma recolha de alguns desses objectos.

E numa construção em equilíbrio, expus essa recolha das superfícies receptoras de histórias, expondo os seus interiores vazios ou ainda contendo fragmentos recolhidos para investigação. Numa construção frágil de vários pontos de vista e com um vídeo escondido.



Como observar seres morfológicamente mais delicados do que eu?
Para estudar a sua anatomia devem ser manuseados com cuidado e com materiais que permitam grande precisão.



Traça
Centro Hospitalar Conde Ferreira, Porto
Junho 2017

A memória de uma dança ancestral nos troncos destas árvores. Estes movimentos demorados, impercíveis ao nosso olhar, têm grande influência nas transformações da paisagem, através da fluidez quase líquida de duas forças opostas, uma que se expande na busca pela luz solar, outra que penetra o solo de modo a absorver nutrientes. Como as raízes de uma árvore a pele é também uma superfície flexível e absorvente.

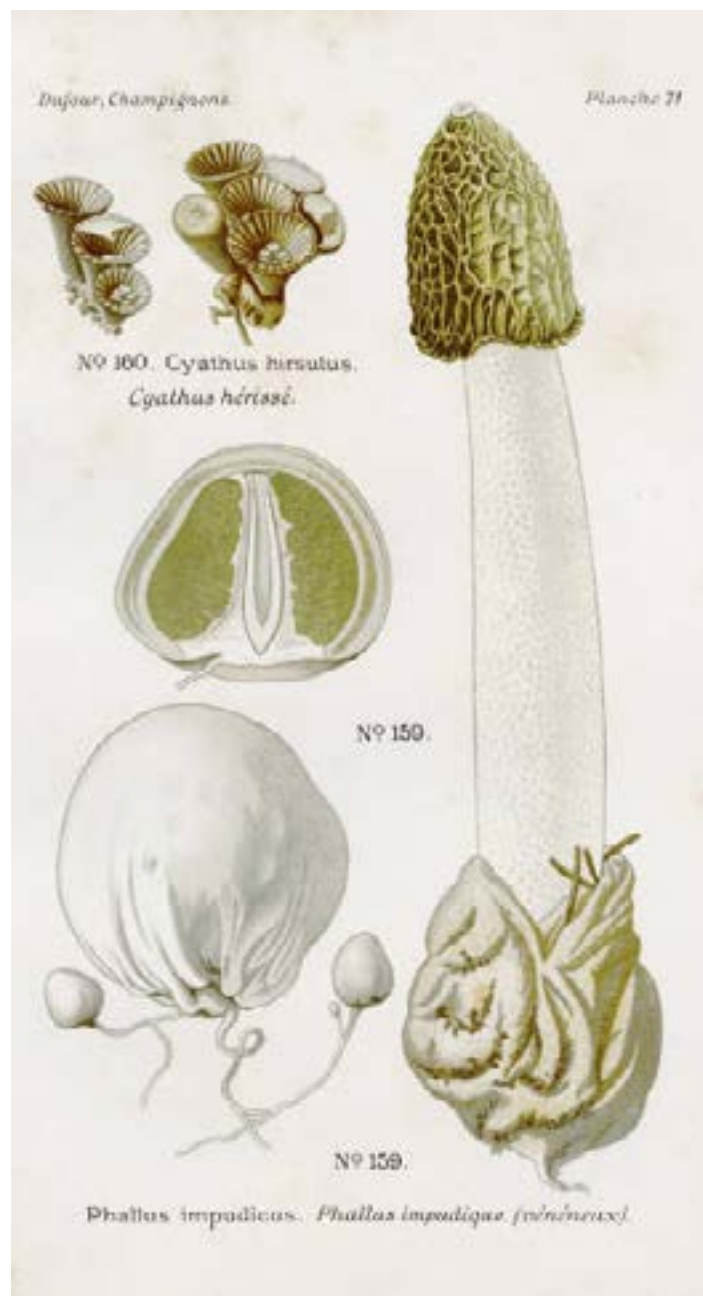
Um corpo não termina na pele. Apesar deste tecido separar o interior do corpo do mundo exterior, é também o meio que os une. Tudo aquilo em que toco e tudo aquilo que me toca é absorvido pela pele e passa a fazer parte integrante do meu corpo.



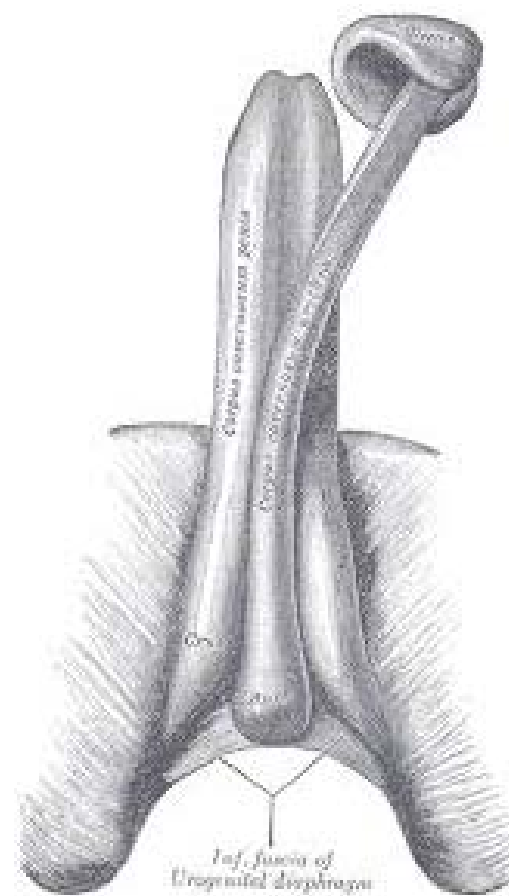
Verão 2017, Elvas



Persegue-me uma vontade física de engolir e ser engolida pelo espaço. Na compreensão dos mútuos ciclos, desenvolvimentos e mutações características dos corpos que analiso e dos locais que vou habitando, pretendo encurtar a distância espacial e morfológica que nos separa. Com exercícios de mimetismo procuro explorar e descobrir no meu corpo as formas que nos podem relacionar intimamente.



A fisionomia fálica e o forte odor que o *Phallus Impudicus* expele, são as formas que este fungo desenvolveu para atrair insectos, que se fixam á sua superfície pegajosa. Os esporos do fungo ficam então agarrados aos seus corpos permitindo assim a sua dispersão.



Plano de assalto:
Uma exposição colectiva em constante movimento, com performances, alterações e transformações ao longo dos dias



Um jardim de *Phallus Impudicus*
Maus Hábitos, Porto
Maio 2018

Plano de Assalto:

Transportar uma pequena parcela do atelier para a Oficina dos Maus Hábitos, ocupar o espaço num processo construção diário.

À medida que as esculturas ganham forma, são adicionadas ao espaço expositivo, contaminando-o aos poucos.

Esta posição vulnerável de deixar a descoberto todo o esqueleto de um processo de trabalho ao expôr o meu quotidiano no atelier, aproximou-me intimamente ao lugar e aos seus habitantes, na libertação das barreiras existentes entre os agentes que compõem esta forma de partilhar e comunicar.

Procuro formas de atribuir aos objectos a sugestão para que haja esta aproximação mais íntima.

Através do tacto percebemos o mundo nas propriedades formais e texturais de todos os corpos que entrem em contacto com a pele. Sendo este um dos sentidos essenciais para a total percepção de um objecto escultórico numa galeria.

Estes espaços receptores de variáveis formas de arte, ainda mantêm em si atributos que dão ao toque uma noção de perigo.

Atrai-me o toque pelo seu perigo.



Que formas, cores ou superfícies poderão seduzir, de forma subtil a aproximação ao toque curioso do espectador?

No interior das suas formas estruturais, objectos como máscaras e próteses contêm em si esta ideia de uma aproximação á pele e ás formas de um corpo. A sua abertura convida todos os corpos que desejem servir-se destas esculturas móveis, de extensões de morfologias transformadoras.



Armadilhas engenhosas, que através dos seus encantamentos naturais, fragrâncias, doces néctares e cores vibrantes aliciam as suas presas.

A forma da *Nepenthes* é convidativa, pode até fazer lembrar um ninho com uma pequena entrada em forma de boca.

O seu interior está recheado de uma substância mucosa que ao ser pegajosa prende os mais curiosos dos insectos, ingerindo-os lentamente num banho de fluídos digestivos.

O vermelho surge com a primavera

Pintei o cabelo e floresci noutro ser
Planta carnívora
Planta carnal



Mandíbula
Galeria Cozinha, FBAUP
Junho 2018

O corpo de trabalho em transformação aqui dissecado
contêm formas que não se encerram em si mesmas.